

VISÃO DO CORREIO

Intolerância e o desafio à igualdade no Brasil

A intolerância contra pessoas LGBT+ continua sendo uma ferida aberta na sociedade brasileira. Apesar dos avanços legais e da crescente visibilidade do movimento, o preconceito ainda se manifesta de forma violenta, tanto nas ruas quanto nas redes sociais. O país, lamentavelmente, figura entre os que mais registram casos de agressões e assassinatos motivados por orientação sexual ou identidade de gênero.

A Constituição garante a igualdade de todos perante a lei, sem distinção de qualquer natureza. No entanto, o que se observa é uma distância entre o que está previsto no papel e o que ocorre na prática. Muitos ainda são vítimas de discriminação no trabalho, nas escolas, nos ambientes sociais e até mesmo dentro de suas próprias famílias. Esse cenário revela a persistência de uma cultura machista e heteronormativa excludente.

Segundo o “Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras”, organizado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil (Antra), em 2024 foram assassinadas 122 pessoas trans e travestis. No comparativo com o ano anterior, houve uma queda de 16% — em 2023 foram 145 registros. Apesar da redução, o quadro permanece adverso, e outro dado do dossiê escancara a falta de proteção do Estado: os homicídios ocorreram, majoritariamente, em espaços coletivos e durante a noite.

Já de acordo com o Grupo Gay da Bahia (GGB), em 2024 foram registradas 291 mortes violentas de pessoas LGBT+ — o que representou aumento de 8,8% em relação a 2023, com 257, ainda conforme os

dados da entidade. Essa diferença mostra o peso que a subnotificação sistemática coloca sobre o problema e reforça os desafios no monitoramento da violência LGBTfóbica. Ainda de acordo com as pesquisas, a intolerância atinge, especialmente, travestis e mulheres trans; faixa etária entre 18 anos e 39 anos; e pessoas negras ou pardas.

O fato é que, sem políticas nacionais efetivas para combater essa realidade, em 2024 o Brasil apareceu, pela 16ª vez consecutiva, como a nação que mais assassina pessoas trans no mundo. Essas estatísticas, que evidenciam o horror ao redor dessa população, reforça como o Estado tem falhado em promover melhorias significativas na vida dessas pessoas, escancarando que a transfobia continua a desrespeitar a vida e a liberdade.

É preciso que todos — governos, instituições e cidadãos — assumam a responsabilidade de combater o discurso de ódio e promovam a educação para a diversidade. A intolerância contra a população LGBT+ não é apenas uma questão de opinião: é uma violação dos direitos humanos. Garantir o respeito às diferenças é essencial para consolidar uma democracia verdadeiramente plural e justa.

O Brasil precisa promover cada vez mais representações positivas e diversificadas que ajudem a desconstruir estereótipos e, ao mesmo tempo, acabem, definitivamente, com a marginalização. A sociedade tem de se mobilizar, abraçando o movimento de luta pela igualdade e fazendo com que as leis sejam cumpridas e, principalmente, que a consciência e empatia sejam ampliadas.



PATRICK SELVATTI
patrickselvatti.df@correio.cbnet.com.br

Narrativas negras conscientes

Na semana da Consciência Negra, discutir representatividade no audiovisual brasileiro deixa de ser um gesto simbólico para se tornar uma urgência ética. O caso envolvendo Taís Araújo e o compliance da TV Globo sobre o tratamento de sua protagonista no remake de *Vale tudo* reacende um debate antigo, mas ainda longe de ser superado: quando corpos negros ocupam o centro da narrativa, quem escreve e conduz essas histórias precisa compreender o peso político e simbólico de cada escolha dramática. Não se trata de concessão, mas de responsabilidade.

A queixa de Taís revela uma ferida exposta. Raquel, personagem que nas mãos de Regina Duarte, em 1988, representava uma trajetória de ascensão e firmeza, surge na nova versão esvaziada em pontos estratégicos, perdendo conquistas, conflitos e densidade, especialmente na reta final. Não é um detalhe: é um deslocamento que repete padrões. A autora Manuela Dias, responsável pelo remake, já havia sido questionada pela forma como desenhou personagens negras que deveriam ter centralidade — a da mesma Taís Araújo em *Amor de mãe* e de Jéssica Ellen em *Justiça*, sem falar na excessiva morte de vidas pretas em suas ficções. São recorrências que apontam para um ponto sensível: quando narrativas protagonizadas por pessoas negras passam por mãos que não compreendem totalmente sua complexidade histórica e social, a ficção tende a reproduzir apagamentos em vez de combatê-los.

A repetição não é coincidência, e sim sintoma de um letramento incipiente. Por isso, a presença de autores e diretores negros nas posições de comando é determinante. Quando as decisões criativas são tomadas por pessoas que entendem a experiência negra por vivência, e não apenas por

observação, as narrativas ganham espessura, verdade e dignidade. É o que se vê, por exemplo, no trabalho da dupla Renata Andrade e Thais Pontes em *Encantados*, que equilibra humor, cultura e ancestralidade com frescor; na dramaturgia de Elísio Lopes Jr., que assinou *Amor perfeito* e prepara *No breza do amor*, obras que tratam de identidade, religiosidade e afeto com força narrativa; e no anúncio do jovem Juan Jullian como autor solo, sinal de que o futuro pode, enfim, caminhar para modelos mais plurais.

É igualmente justo reconhecer autoras brancas que entenderam seu lugar dentro dessa estrutura e atuam com responsabilidade. Rosane Svartman, em *Vai na fé* e agora em *Dona de mim*, mostrou sensibilidade ao criar personagens negros com profundidade e atitude, fortalecendo sua equipe com roteiristas negros que ampliam a perspectiva da obra. Claudia Souto fez o mesmo em *Cara e coragem* e *Volta por cima*, cuidando para que o elenco negro tivesse espaço simbólico e dramático coerente — não à toa, ela criou, em ambas, núcleos em que os ricos eram pretos. Há diferença entre falar sobre a experiência do outro e silenciá-la, e elas demonstram essa consciência.

A televisão brasileira está em um ponto de inflexão. O público mudou, o país mudou, e a teledramaturgia precisa acompanhar. Quando protagonistas negros são enfraquecidos, não é apenas um equívoco artístico, é um retrocesso político. Mas quando novas vozes — negras, diversas, autorais — ganham espaço e reconhecimento, não estamos apenas corrigindo uma injustiça histórica; estamos expandindo a própria imaginação do país. A representatividade verdadeira não está apenas na presença em cena, mas no poder de decidir quais histórias importam e como elas serão contadas.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Aglutinação dos povos

A história mostra evolução dos povos. Aglutinavam-se, nos primórdios, em tribos. Reuniam-se com a finalidade não só econômica, como social. Naquela época, a moeda de troca também poderia ser o sal. Daí, o termo salário como remuneração. Hoje, essa aglutinação acontece em blocos afins, com os mesmos propósitos. Esse é o caso do Mercosul, na América Latina, e da União Europeia (UE), no continente europeu. Nesse acordo, há dificuldades. Os europeus argumentam que o agronegócio fica prejudicado, causando problemas como o desemprego no campo. As dificuldades nas transações prejudicam e atrasam o processo. As dissidências acontecem, é o caso argentino, que prefere outro bloco. Talvez, os EUA tenham influenciado. O presidente Lula, do Brasil, está à frente, empenhado nas negociações Mercosul e UE.

» **Enedino Corrêa da Silva**
Asa Sul

Facções criminosas

Não faltam entendidos a pronunciar-se sobre como lidar com as facções criminosas. Não só condenando que sejam declaradas terroristas, como claramente tomando sua defesa e quase justificando seu direito de aterrorizar populações. O argumento é de que os jovens ingressam nessas redes criminosas por completa falta de oportunidade, de amparo por parte de políticas sociais e de políticas de assistência do Estado. Buscam uma simplificação da realidade, a fim de eliminar responsabilidades pessoais e de culpar as mesmas políticas que dão oportunidades aos que não vão para o crime. É sua única teoria. Não consideram que, na família de cada um desses jovens desviados, há pais e irmãos que levam vida normal de correção, estudo, preparação, esforço e trabalho honesto. Não explicam por que a falta de oportunidade não atingiu a família inteira. A verdade é que a quantidade de pessoas que leva vida reta dentro das mesmas condições é muito maior do que a que se desviou. Mais conhecimento de causa demonstrou a mãe de um desses desviados quando disse para o filho: “Você não é vítima da sociedade. Nunca lhe faltou nada. Foi escolha sua”.

» **Roberto Doglia Azambuja**
Asa Sul

Congresso

O Congresso Nacional, composto por 513 deputados e 81 senadores, é um dos pilares da nossa democracia. Muitos

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

A água que brota no Cerrado é vida compartilhada com toda a cidade. Se mais de 60% das nascentes sofrem alto impacto ambiental, o risco é real. Se continuar assim, o direito à água vai se transformar em privilégio.

Pacelli M. Zahler — Sudoeste

Coisas do Brasil: falar de segurança pública é crime quando vira propaganda eleitoral antecipada.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Sinal dos tempos. O futuro das relações sociais depende de um aplicativo.

José Ribamar Pinheiro Filho — Asa Norte

Chegamos à metade de novembro com um clima que parece aquele de agosto escaldante, que incomoda até o brasileiro mais raiz. É impossível não achar que os efeitos das mudanças climáticas chegaram para ficar!

Marlon Barros — Cruzeiro

gar para cima, dar chute para o céu? O pior é que estão se tornando formadores de opinião e influenciando os novos a adotarem esse linguajar “moderno”.

» **Luiz G. de Lima Filho**
Asa Norte

Entulho

Na Estrutural, a montanha de lixo da construção civil segue firme. Entulhos da construção civil do Distrito Federal inteiro. Estava melhor depois que tiraram o lixo, mas, agora, tem poeira da construção, não dá para ver o céu do outro lado. São umas coisas que esse governo vai fazendo...Fiscalizar, ele não faz. Hospital, não tem. Árvores, muito menos. Seguimos sobrevivendo e com a saúde ruim.

» **Flávia Dias**
Brasília

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine			
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie			
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp			
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2586 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br